

ANC p2

# Além dos municípios

8881 MIT

JORNAL DE BRASÍLIA

A confirmação das eleições municipais para 15 de novembro próximo injeta nas campanhas uma dose de improvisações bem grande. As dúvidas que pairaram sobre a batalha da Assembléia Constituinte, em torno do calendário, retardaram os preparativos que, agora, se desencadeiam impetuosamente, e se subordinam aos exíguos prazos da lei.

Embora em algumas capitais já existam candidaturas na estufa, bem aquecidas, nem todas podem ser desabrochadas sem a certeza de que não precisam da sombra de possíveis coligações ou defendidas dos percalços comuns, indo dos interesses pessoais dominantes às conveniências partidárias. Isto, relativamente às convenções, cuja porta se abre em 15 de julho e fecha-se em 15 de agosto. E não é para balanço. É para lançar o produto eleitoral acabado no mercado de votos, sob oferta de pregões compactos, em apenas noventa dias.

Dai se deduz a rapidez com que agiram as dissidências dos maiores partidos, na busca do

abrigo de novas legendas, às quais as filiações, por sua vez, têm data fatal em 10 de julho. Assim, numa contagem regressiva, o relógio já bate os segundos implacáveis.

São quase cinco mil municípios com cerca de 500 mil candidatos a prefeitos e vereadores, previstos na faixa de largada. São unidades da Federação com aspectos peculiares de formação e anseios, mas, também, voltadas, num todo, para a situação nacional, pródiga em distribuir prejuízos e raros acertos. Então, que bandeira a desfaldar-se? A da oposição, rentável porém difícil na conciliação das culpas e dos negócios de numerosos proponentistas? Ou sobrará espaço para o drapejo das bandeiras de prestígio local?

Por isto e muito mais o pleito municipal assume papel de máxima importância para a arquitetura política de 1989. Uma se liga à outra, por laço curto. No enfoque de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, um estopim acesso solta fagulhas que chamuscam vaidades de correligionários

presos a compromissos municipais imediatos. No périplo, os governadores promoveram negociações triangulares, numa tomada de pulso de candidatos a candidatos à sucessão do presidente José Sarney. Acontece que se compõe uma fila colateral, à espera de seu check up reivindicatório.

No painel, portanto, nem só a vertente da campanha no município aparece. Esboçam-se a do Planalto e outra, simplificadora — se houver decisão certa — ou complicadora — se os parlamentares faltarem ou decidirem errado: a necessária freqüência à Constituinte, a fim de garantir-lhe quorum para concluir sua penosa e onerosa tarefa. Os políticos têm de correr e depressa. Sem querer e prever, realizam mesmo eleições primárias, de gabarito superior e como convém no suporte das bases municipais.

As urnas vão falar de improviso. Mas o que disserem vai alterar muito discurso já escrito para os atos seguintes. Um deles, o da eleição direta — enfim! — do futuro presidente da República.